



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

SARA DE OLIVEIRA BEZERRA

**ESTRELA DE ALAGOAS: NARRATIVAS DA COMUNIDADE *BALLROOM* EM
MACEIÓ**

MACEIÓ
2023

SARA DE OLIVEIRA BEZERRA

**ESTRELA DE ALAGOAS: NARRATIVAS DA COMUNIDADE *BALLROOM* EM
MACEIÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Dança
Licenciatura do Instituto de Ciências
Humanas, Comunicação e
Artes/ICHCA/UFAL, para o título de
licenciada em Dança.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Joyce de Matos
Barbosa.

MACEIÓ
2023

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho à minha mãe Carla César de Oliveira por ser a minha primeira referência como pessoa, mulher e artista, sobretudo em dança.

Agradeço a Comunidade *Ballroom* pela transformação que fez em minha jornada pessoal e profissional.

Expresso minha gratidão ao meu companheire Layê Muzi por todo suporte e compreensão nesses tempos.

Agradeço aos meus amigos que a universidade me proporcionou conhecer Rayanne Pereira, Maciel Ferreira e Alessandra Sandes por sempre acreditarem em mim.

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

B574e Bezerra, Sara de Oliveira.

Estrela de Alagoas: narrativas da comunidade *Ballroom* em Maceió /
Sara de Oliveira Bezerra. – 2023.
51 f. : il., tabs.

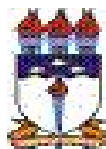
Orientadora: Joyce de Matos Barbosa.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Dança: Licenciatura)
– Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 50-51.

1. Comunidade Ballroom – Maceió (AL). 2. Dança. 3. Pertencimento. I.
Título.

CDU: 793.3 (813.5)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC

Aos 16 dias do mês de outubro do ano de 2023, às 14 horas, realizou-se, via plataforma *google meet*, a sessão de Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulado: ESTRELA DE ALAGOAS: NARRATIVAS DA COMUNIDADE BALLROOM EM MACEIÓ da discente **Sara de Oliveira Bezerra**, do Curso de Licenciatura em Dança como parte dos requisitos para conclusão do Curso.

A Banca composta por:

- 1) **Professora Orientadora:** Prof^ª Dra Joyce de Matos Barbosa – ICHCA/ Licenciatura em Dança
- 2) **Membro:** Prof^ª Dr^ª. Joana Pinto Wildhagen – ICHCA/ Licenciatura em Dança
- 3) **Membro:** Prof^ª Me. Maciel Ferreira de Lima - Escola Estadual José da Silveira Camerino

Após arguir a discente, deliberou-se: Aprovar o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, atribuindo-lhe nota 10,0 (dez)

Documento assinado digitalmente
 JOYCE DE MATOS BARBOSA
Data: 16/10/2023 15:25:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª Dra Joyce de Matos Barbosa (orientadora)

Documento assinado digitalmente
 JOANA PINTO WILDHAGEN
Data: 16/10/2023 16:12:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª Dr^ª. Joana Pinto Wildhagen

Documento assinado digitalmente
 MACIEL FERREIRA DE LIMA
Data: 17/10/2023 20:26:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª Me. Maciel Ferreira de Lima

RESUMO

Este trabalho discute questões sobre a Comunidade *Ballroom* em Alagoas e apresenta a trajetória em dança de Star Mother Diamond Muzi em conexão com a dança vogue enquanto formação artística. Seu caminho foi construído a partir de reconhecimentos e pertencimentos tendo como metodologia a autoetnografia traçando um diálogo com as técnicas do voguing junto à comunidade dos bailes. A compreensão de questões que atravessam a corporeidade como mazelas sociais e fobias, foram fundamentais para a idealização deste trabalho. Os questionamentos principais que conduziram a escrita do trabalho foram se encaminhando pela perspectiva da exclusão de corpos que não estão dentro do padrão estabelecido e aceito socialmente nos espaços da dança, assim, a dança Voguing foi a técnica estudada e praticada, deste modo, o percebimento de que fatores externos influenciam a execução das técnicas, foi determinante para redirecionar o foco das produções em dança. As diferentes experiências com dança foram importantes para entender que além das técnicas é imprescindível se perceber enquanto indivíduo político, destarte, foi necessário procurar outras referências em dança que pudessem proporcionar movimentos reais junto ao sentimento de pertencer.

Palavra-chaves: Corpo; Dança; Pertencimento.

ABSTRACT

This work discusses issues about the *Ballroom* Community in Alagoas and presents the dance trajectory of Star Mother Diamond Muzi in connection with vogue dancing as an artistic formation. Her path was built from recognition and belonging using autoethnography as a methodology, tracing a dialogue with voguing techniques within the dance community. Understanding issues that permeate corporeality, such as social ills and phobias, were fundamental to the idealization of this work. The main questions that led to the writing of the work were guided by the perspective of the exclusion of bodies that are not within the established and socially accepted standard in dance spaces, thus, the Voguing dance was the technique studied and practiced, in this way, the perception that external factors influence the execution of techniques, was decisive in redirecting the focus of dance productions. The different experiences with dance were important to understand that in addition to the techniques, it is essential to understand oneself as a political individual, therefore, it was necessary to look for other references in dance that could provide real movements along with the feeling of belonging.

Keywords: Body; Dance; Belonging.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Espetáculo “A categoria é: Queer”	9
Figura 2 - Crystal La Beija	17
Figura 3 - Arte de divulgação do Vogue Fever do Recife 2018	29
Figura 4 - Aula de Frevogue com o Pioneiro Edson Vogue.....	29
Figura 5 - Finalização da Roda de Conversa sobre Comunidade Ballroom	29
Figura 6 - Arte de divulgação do evento circuito Vera Verão	33
Figura 7 - Star Mother Diamond Muzi na categoria Vogue Virgin.....	33
Figura 8 - Arte de divulgação da Micro Ball na Pajuçara	38
Figura 9 - Arte de divulgação do Treina Ballroom 2020	39
Figura 10 - Treina Ballroom 2020	40
Figura 11 - Aula de Vogue Femme - coreografia.....	43
Figura 12 - Roda de Conversa sobre a Comunidade Ballroom	43
Figura 13 - Aula de Vogue Femme - elementos	43
Figura 14 - Evento IDMOOVE: Identidade, Diversidade e Movimento	44
Figura 15 - Elenco do espetáculo “A categoria é: Queer”	46
Figura 16 - Cenas do espetáculo “A categoria é: Queer”	46
Figura 17 - Espetáculo “A categoria é: Queer”	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	TRAJETÓRIAS EM DANÇAS	11
2.1	O QUE É A COMUNIDADE DOS BAILES	16
2.2	TÍTULOS E AS ESTRATÉGIAS DE ORGANIZAÇÃO HIERÁRQUICA	18
2.2.1	Pioneer/trailblazer - Pioneira(o)(e)	19
2.2.2	Star - Estrela (o)(e)	19
2.2.3	Statement - Um fato	20
2.2.4	Legend – Lenda	20
2.3.5	Icon- Ícone	20
2.3	“VOGUEANDO”	21
2.3.1	Categorias do vogue	23
2.3.1.1	Oldway ou The Only Way	23
2.3.1.2	New Way	24
2.3.1.3	Vogue Femme	24
2.4	MUZI: DIAMOND MUZI	26
2.5	PIONEIRA KIKI HOUSE OF MUZI (AL)	34
2.5.1	As Houses (casas)	35
2.5.1.2	Alagoas <i>ballroom</i>	40
3	A CATEGORIA: É QUEER	42
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala de *Chanter* a primeira coisa a ser pensada é o “canto” ou o “grito”, essa função dentro da Comunidade *Ballroom* é fundamental para dar voz às *performances*, identificar as categorias e caracterizar as pessoas que caminham no baile, levando uma experiência única para quem aprecia as noites dos bailes. O termo “*Chanter*” da *ballroom* empregado no início deste trabalho foi utilizado para entender que a leitura dessa escrita é narrada pela energia que circunscreve o espaço da comunidade *ballroom*, como representado na letra seguir:

Ouçá-me
 Estrela alagoana
 Corpo/movimento
 Mother Diamond Muzi
 Mostra o seu talento
 Ela tem o *CUNT*
CUNT de mapô
 Que “bôba da peste”
 A mamãe chegou
Shine Bright Like a Diamond, Star
Shine Bright Like Diamond Muzi, CUNT (2x)
 Então pode vir
 Pode se jogar
 Mother Diamond Muzi
 É que vai hablar
 Ela é feminina
 Dona do carão
 Ela brilha, brilha
 Ela é constelação
 Presente afetuoso de Star Laursa 007¹

No contexto da *Ballroom*, o estudo dessas narrativas pode contribuir para o empoderamento das comunidades envolvidas. Ao compreender as histórias e experiências compartilhadas, é possível promover uma representação mais precisa e inclusiva dessas comunidades na sociedade em geral (SILVA, 2022). Desse modo, por muito tempo busquei dentro de mim alguma resposta que pudesse expressar exatamente o que sou no universo artístico da dança, sendo este um longo caminho de escutas, respeito e amor a essa arte do movimento.

Durante a intensa caminhada na *ballroom*, esperei o melhor momento para falar e compartilhar o que penso sobre o significado desta comunidade a partir do

¹ Star Laursa 007 pertence à Cena *Ballroom* de Pernambuco e vem construindo o seu legado na função de Chanter.
 Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cs4eTSkpMzB/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>.

meu corpo, que é o instrumento utilizado para experimentações constantes deste espaço, pensando também nos atravessamentos que levo em meu corpo em decorrência de uma sociedade sobrecarregada de estigmas, tais como: Racismo, Machismo, LGBTFOBIA, Xenofobia etc. Observa-se na Figura 1 um exemplo de dança e seus processos de transformação, junto da cultura *ballroom*, da dança *Voguing*.

Figura 1 - Espetáculo “A categoria é: Queer”



Fonte: Acervo Pessoal, foto de Benita Rodrigues (2023) ².

Refletindo o que me move para acreditar nessa coletividade, se percebe que ter os diversos atravessamentos na vida é fundamental para construir cada vez mais experiências a que venho tendo ao longo da vida. Na minha trajetória, muitas dessas experimentações nem sempre foram boas por isso jamais quero viver novamente, no entanto, é incrível poder superar questões de atravessamentos individuais no

² Disponível em: <https://www.instagram.com/eubenita/>.

coletivo, e foi nesse momento que compreendi que estava avistando a primeira fresta de luz que emana força e coragem da *Star*, pois pensar que os processos da vida serão simples é o mesmo que não compreender o quão grande sou.

Foi a partir dessa consciência que essas narrativas começaram ser construídas da forma mais honesta que pudera ser comigo mesma, respeitando a história pessoal da autora e todas as pessoas que estiveram presentes e compartilharam as experiências nessa caminhada.

Durante as inquietações na escrita deste trabalho, ao refletir sobre dança e seus processos de transformação, junto da *ballroom*, questionou-se: “Será que a dança sustenta as necessidades de quem trabalha com ela?” “Quais as dificuldades de uma mulher LGBTQIAPN+ na dança em Maceió, Alagoas?” “Porque teve que criar outros espaços para dialogar as questões de dança sendo exatamente aquilo que realmente somos?”. Com esses questionamentos, foi sendo construídas algumas pontes com corpo, gênero, raça e sexualidade, para perceber o quanto a dança é veículo de ações, movimentos e opiniões sobre os eixos citados.

Buscou-se pensar na dança que move e transforma o corpo como ferramenta potente para criar estratégias de sobrevivência, sobretudo no universo da arte, trabalhando com dança, este trabalho me leva para uma reflexão sobre as perguntas que surgiram na inquietação do trabalho, levando a autora a encontrar uma possibilidade de viver, dançar e trabalhar com não só uma técnica de dança específica mais uma comunidade que abre espaços para questionar e contribuir na formação pessoal e profissional.

Para tanto, a metodologia aplicada neste trabalho é a autoetnografia que tem como objetivo o olhar do pesquisador sobre ele mesmo e o objeto que deseja estudar. Segundo Sylvi (2009), a auto-etnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si. Através desse pensamento falar sobre ser “Estrela” é algo que se transforma todos os dias, a busca pela liberdade de expressar, os riscos que a vida tem trazido e as oportunidades que ela me deu, refletindo diretamente no que reluz dentro de mim.

2 TRAJETÓRIAS EM DANÇAS

Um dos desafios mais grandiosos que a dança tem me proporcionado é lançar este trabalho no mundo, pois, expresso a partir da escrita, as vivências do corpo conduzidas pela história que venho construindo corporalmente no cotidiano. Isso me faz perceber o papel fundamental que a dança exerce na relação que meu corpo tem ao refletir a importância do mesmo socialmente, atuando na formação profissional, me direcionando para áreas de atuação seja na *performance* (dança) (enquanto um ato político) ou práticas de ensino sobre dança; no lado pessoal, descobertas de potencialidades humanas e reais, me abrindo possibilidades de questionar a sociedade, o meu corpo e a minha própria história.

Percebendo a artista que me tornei a partir dos direcionamentos e experiências no qual eu fui imersa, durante a minha trajetória com a dança pude vivenciar ainda muito jovem como funcionava no corpo a complexidade e espontaneidade do movimento. Eu sempre fui feliz na dança, tudo muito espontâneo desde a minha vontade de estar perto e viver cada oportunidade que ela me proporciona. As aulas com movimentos sempre me chamavam a atenção, sempre gostei de sentir o meu corpo ativo, perceber as movimentações das minhas articulações durante as aulas, a qual foi abordada melhor no decorrer do trabalho.

Boa parte da minha vida escolar tive a oportunidade de vivenciar aulas de dança e fazer parte de um nicho artístico tão rico de possibilidades e cheio de exposição. Durante minha adolescência sendo eu, uma jovem negra sem consciência racial e com o corpo fora do padrão social, dançar sempre foi um desafio por ser a menina “gorda” da dança, e ainda assim, me sentia forte e ao mesmo tempo tão frágil. Quando falo sobre ser forte é para destacar o quanto era agressivo as falas como, por exemplo, que eu não poderia dançar “bonito” ou que a minha dança era muito agressiva comentários esses que partiam de alguns alunos da escola que eu estava pensando em como era me recordo o quanto machucava e mesmo fragilizada por dentro nunca desisti de fazer e me mover da maneira que eu fui e sou até os dias de hoje.

Durante todos esses anos de contato com a dança, tive sempre uma inspiração: a minha mãe, Carla César³, artista dançante e atuante há mais de 30

³ Professora, bailarina e coreógrafa têm experiência em *Ballet*, *jazz* e sapateado. Atualmente trabalha em projetos sociais para crianças e idosos em Maceió e no município de Barra de São Miguel.

anos em Maceió/AL, através da sua relação intensa com a dança, ao observar essa figura diariamente e acompanhá-la em sua trajetória artística de dança, a mesma chega em mim como um caminho possível a ser trilhado e mesmo sem muitas reflexões acerca de uma profissionalização, não deixei de experimentar o leque de possibilidades de estilos de dança.

A partir dessas possibilidades, mergulhei pelo *ballet* clássico⁴, *Jazz*⁵, Sapateado⁶, *Street Jazz*⁷, *Hip Hop dance*⁸ e *Voguing*⁹. Essas experiências contribuíram consideravelmente no meu processo de formação como artista de/da dança.

A dança só se evidencia como uma profissão apenas no final do ano de 2014 e começo de 2015, quando ingresso em uma turma de *Street Jazz* na Jeane Rocha Academia de Dança¹⁰. Neste momento não tinha noção de quanto cada aprendizado adquirido nesse espaço me serviria como um dos pilares fundamentais para uma dança de nível profissional.

⁴ O Balé Clássico tem sua gênese nas cortes italianas renascentistas no século XVI, embora tenha se tornado mais popular nas cortes francesas. Na época esse espetáculo era muito apreciado pela nobreza. A princesa italiana Catarina de Médici, grande admiradora da dança, ao chegar à França para tornar-se rainha, fez questão de introduzir o balé nesta corte levando consigo artistas e bailarinos. O mais importante deles era o coreógrafo Baltazarini Di Belgioioso ou Balthazar de Beaujoyeulx como ficou conhecido na França. Foi este coreógrafo que transformou o balé clássico. Esses espetáculos reuniam não apenas dança, mas também poesia, canto e uma orquestra musical. Seu primeiro espetáculo de maior importância foi o *Ballet Comique de la Reine*, em 1581. Brasil Escola

⁵ Ao contrário do *ballet*, uma dança tipicamente erudita, o *jazz* se caracteriza por ser uma dança bastante popular. Acredita-se que a manifestação da dança *jazz* tenha surgido paralelamente ao desenvolvimento da música *jazz*, o que remeteria os créditos da dança à parte da população negra estadunidense, assim como se acredita a origem musical. As semelhanças com a música *jazz* não param por aí: se a principal característica do *jazz* música é o improviso, a principal característica do *jazz* dança também é o improviso. (Brasil Escola)

⁶ Sapateado é um estilo de dança, que tem como principal característica os sons que os dançarinos produzem com os sapatos em contato com o chão, fazendo dos pés dos dançarinos verdadeiros instrumentos de percussão.

⁷ O *jazz*, o *hip hop* e o *funk* formaram o *street jazz*. Para ser exato, o *hip hop* e o *funk* são estilos de dança que surgiram no meio da dança na década de 1970 e inspiraram a criação do que hoje chamamos de *street dance*.

⁸ A dança *hip hop* (*hip hop dance*) refere-se aos estilos de dança sociais ou coreografados relacionados à música e à cultura *hip hop*. Incluiu uma grande variedade de estilos, especialmente *breakdance*, *locking* e *popping*, os quais foram desenvolvidos na década de 70 por africanos e latino-americanos.

⁹ Discorre-se sobre o *Voguing* mais para frente.

¹⁰ Jeane Rocha é bailarina, estudou *ballet* clássico, dança de salão e sapateado, é fundadora da Jeane Rocha Academia de Dança desde 2002 e graduada pelo curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas. SECULT.

As aulas de *Street Jazz* eram ministradas por Fênix da Silva Leite¹¹ que sempre construía as aulas de forma plural, acessando as individualidades de cada corpo, compartilhando diversos conteúdos/estudos acerca de dissidências sexuais, negritude e gênero, lançando questionamentos de como pensar a dança como forma de expressão, histórica e experiência individual e coletiva.

No mesmo ano, com muita dedicação nas aulas de *Street Jazz*, fui convidada para integrar o grupo de dança *Cara Crew* que se torna um espaço de estudo sobre arte e ativismo direcionando também para as técnicas de danças urbanas.

Cara Crew inicia sua caminhada como grupo de dança e logo depois passa a ser identificado como “Coletivo Cara”, por compreender que os seus objetivos são os atravessamentos de cada dançarino que tem seu corpo como instrumento para dançar sua própria história. Quando me deparei com tamanha identidade e potência, sabia que estava me aproximando cada vez mais do sentido que buscava na dança, pois me sentir completa e potencializada era uma das ferramentas para elevar o nível da minha dança, podendo assim, explicar não só o movimento pelo corpo, mas, porque o meu corpo se movimenta com essa dança.

Dando continuidade às etapas das minhas trajetórias até o ano de 2015, posso afirmar que foi uma mistura de desafios, principalmente sobre as dúvidas da profissão futura, pois, era o ano de mergulhar em uma nova etapa do que eu queria estudar na universidade. Pensando um pouco nesse processo, observo que as dificuldades também estavam atreladas ao “padrão de sucesso” pensando sobre isso Jorge (2017) afirma que:

Com o passar do tempo e do progresso social, justamente com o desenvolvimento do sistema político no Brasil, o capitalismo e a ideia de sucesso e ascensão pautada na aparência em um modelo criado e padronizado que segrega culturalmente homens e mulheres, fazendo com que percam suas origens ancestrais e identidade cultural (JORGE, 2017, p. 88).

A partir da fala do autor, trago como exemplo: a condição estética fora dos padrões normativos da sociedade que pauta a pessoa branca e magra como sinônimo de beleza assim, por ser gorda e lida como um “corpo que não era para a

¹¹Graduada em Licenciatura em Dança pela Universidade Federal de Alagoas e Técnica em Produção de Moda pela Escola Técnica De Artes da UFAL. Overse Fênix Negra de Mandacaru Zion é Pioneira na cena kiki da *ballroom* pelo estado de alagoas com reconhecimento estadual e nacional é um dos representantes da cena *ballroom* Norte e Nordeste, também é membro da *Iconic House Of Zion* pela cena Mainstream da comunidade *ballroom*.

dança”, apesar de gostar de está inserida na dança, iniciar uma etapa profissional nas artes me demandou muitos atravessamentos negativos tais como: estar com pessoas que não me reconheciam de maneira “positiva” me fez compreender que a estética negra no meu caso específico o cabelo crespo influenciou negativamente nas construções das relações dançantes pois, eu não tinha um lugar dentro desses ambientes.

Hoje, em minhas andanças, percebo através do letramento racial¹² que meu corpo sofreu por essas opressões e compreendi que sou uma mulher negra de pele clara de condições socioeconômicas inferiores, sabendo disso hoje sei o quanto me foi negado.

Estudei em uma escola particular de Maceió, me firmar nessa escola sendo a “filha da professora”, conseqüentemente a bolsista, foi um divisor socioeconômico que sempre me fez pensar o quanto estudar nesse local não me fazia pertencente aquelas pessoas nem ao meio a qual elas vivem, espaço esse que nutriam as estruturas de opressões sobre raça e classe.

As atitudes das pessoas não só na mesma sala como na escola no geral eram uma confirmação prática de que eu não pertencia ao mesmo mundo (onde tudo está confortável) as diferenças eram gritantes, seja no bem material que elas tinham ou até mesmo nos lugares onde eles frequentavam, durante esse momento na minha adolescência eu ainda estava no início de uma compreensão sobre consciência racial.

Devido ao apagamento das nossas próprias histórias e o processo de educação e autoconhecimento é histórico e em meu processo não foi diferente ao refletir a fala de Machado (2014), ele afirma que:

A educação para as relações étnico-raciais imprime em si o educar desde os diversos conhecimentos, oriundos das diversas culturas e etnias, além da promoção das epistemologias oriundas do reconhecimento e valorização daquelas culturas que foram colocadas à margem, que foram negadas, como é o caso dos africanos e dos afrodescendentes (MACHADO, 2014, p.18).

O meu olhar sobre as relações sociais e educacionais e a importância de dar continuidade aos meus estudos, surge gradativamente, quando percebo que a formação é um caminho necessário para uma perspectiva futura na posição que eu

¹² Letramento racial é um conceito potente que convoca à reflexão e exige posicionamento teórico e prático. Por isso mesmo, antes de entrar na discussão desse tema, convido o leitor a um pequeno recuo para lembrar a noção de letramento ou, melhor dizendo, letramentos (ALMEIDA, 2017).

estava assumindo na época escolar, como aluna e futura estudante de uma Universidade Pública.

Refletindo alguns aspectos sobre a escolha do que eu iria estudar na universidade, surgem vários momentos constrangedores onde me forcei a ter uma naturalidade emocional, pois a perspectiva dos colegas da turma do ensino médio era realizar curso de graduação mais concorrido, ou seja, cursos mais “elitizados” tais como: Medicina e Direito, ao externar que eu levaria o lado artístico especificamente à “dança”, todos naquele momento duvidaram do lugar profissional que a dança exerce na sociedade.

Chegou o ano de 2016, minha jornada universitária estava apenas começando. Iniciei os estudos no curso de Licenciatura em Dança na UFAL. Este espaço passou a ser o lugar onde pude me expor de fato com a dança de forma teórica, metodológica e principalmente, com uma visão ampla do que significa um corpo atravessado por dissidências sexual e identidade racial.

Durante o processo acadêmico ressalta-se a disciplina “Dança, Gênero e Identidade Étnico-racial”, oferecida como eletiva no primeiro período da graduação em dança, ampliando o “olhar” sobre questões sociais, do corpo e das políticas dentro do espaço universitário, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Nadir Nóbrega¹³ que foi inspiração e referência para elaboração de um pensamento plural.

Toda a minha bagagem começou a se solidificar quando é falado sobre representatividade e o quanto é importante ver-se em outras pessoas que estejam caminhando e vivenciando os mesmos atravessamentos. Nesse mesmo período assumi a liderança do Coletivo Cara, no qual já me via como potência para dialogar e pensar ações relacionadas à consciência racial, de gênero e sexualidade. A sensação de poder sentir a dança como um manifesto corporal sobre as minhas produções deixava as portas mais abertas à espera de muito mais aprendizagem e liderança.

A construção do pensamento sobre dança foi sendo lapidado durante quatro anos, porém, entre 2017 e 2018 se tornou o que chamo de “renascimento ou desdobramento” de tudo o que foi plantado. A partir de agora será abordado não só

¹³ Professora aposentada pela Universidade Federal de Alagoas, Nadir Nóbrega Oliveira é PhD em Artes Cênicas-Dança pelo PPGAC/PNPD/CAPES/UFBA. Doutora e Mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia e Graduada em Licenciada em Dança pela mesma Instituição.

uma técnica da dança, mas uma imensidão de possibilidades de atuação e desenvolvimento artístico, político e social.

2.1 O QUE É A COMUNIDADE DOS BAILES

Antes da comunidade *Ballroom* existir, as *balls* surgiram na cena underground de Nova York, especialmente no Harlem, durante a "Renascença do Harlem" ou "Novo Movimento Negro" nas décadas de 1920 e 1930. Esse fenômeno cultural impulsionou discussões raciais e trouxe à tona espaços multirraciais em diferentes momentos, através de expressões artísticas como literatura, música e pensamento sociopolítico.

Harlem Renaissance – termo cunhado pelo poeta Alain Locke para designar o movimento artístico e cultural iniciado na cidade de Nova York, mas que rapidamente ganha contornos transnacionais – demonstrou a ascensão de um movimento amplo e organizado tanto no campo intelectual quanto social, influenciado pelas raízes culturais negras do sul dos EUA na luta contra o racismo, a violência e a exclusão, mas também fortemente influenciado pela imigração (especialmente afro-caribenha) e pelas ideias Pan-africanas trazidas consigo (SILVA, 2019, p. 147).

A elucidação para o funcionamento pluricultural é que no primeiro baile (*ball*), os artistas afro-americanos procuram empresários de classe média alta que por sua vez eram brancos com recursos financeiros e interesse em patrocinar os bailes, em troca se reúnem no baile por saber que se tratava de um espaço considerado moderno e com poder de ditar novas tendências.

Renascença' do Harlem nos EUA emerge simultaneamente dentro de um contexto internacional em transição, marcado pela organização do Congresso Pan-Africano de 1919, realizado no mesmo mês de fevereiro junto à Conferência de Paz de Paris, marcando o fim da Primeira Guerra Mundial. Pensada e articulada como um fórum paralelo a fim de debater a situação das nações colonizadas à luz do realinhamento geopolítico global no fim da Era dos Impérios, o congresso reuniu lideranças negras dos EUA, da África e do Caribe (além de delegados da Ásia e América do Sul) (SILVA, 2019, p.147).

As influências que surgem nesse mesmo tempo contemplam os *balls* que eram festas configuradas por *performances* cênicas e de fantasias, onde os seus desdobramentos tiveram início em concursos de beleza com participantes competindo em diversas categorias, uma delas é semelhante à categoria "*Face*" que vemos até hoje nos *balls* atuais. Nesse momento os *balls* reuniam além de negros e brancos, a comunidade de *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros (SILVA, 2019).

Na época as casas mais conhecidas e frequentadas eram a Savoy na Avenida Lenox, o *Rockland Palace* na 155th Street e *Elks Lodge* na 139th Street. Influenciada pela cena *drag queen* em Nova Iorque, surge em meados dos anos 60, um movimento, podendo ser chamada também de comunidade, a *Ballroom*, com características contracultural, de acolhimento e resistência ao racismo e LGBTransfobia formado por afros e latinos americanos LGBTravesti/Trans (SILVA, 2019).

De acordo com o documentário *Paris is Burning*, dirigido por Jennie Livingston e lançado em 1990, os concursos de beleza da época, em sua maioria organizados por brancos, perpetuavam o racismo estrutural. Para que as *drag queens* afro-americanas tivessem chances de vencer, muitas vezes era necessário clarear a pele. Crystal La Beija foi uma das poucas *drag queens* afro-americanas a conquistar o título de Rainha do Baile, deixando um legado significativo e sem precedentes.

Figura 2 - Crystal La Beija



Fonte: Documenting the Era of *Ballroom* (1972-1990).

Durante o concurso de Beleza de Miss Universo América de 1967 realizado na Prefeitura de Nova Iorque, *Crystal* percebeu mais uma vez o racismo, indignada denunciou a anfitriã do concurso de manipular o processo para que uma candidata branca ganhasse. Sua fala de indignação está registrada no filme *The Queen*¹⁴ -

¹⁴ Filme *The Queen*-1968 de Frank Simon.

Disponível em: <https://youtu.be/RYCQEI8TPeM?si=Atvt0iRHVfT260fo>.

1968 de *Frank Simon*. *Crystal* junto com *Lottie* (amiga) deram o pontapé para realização da primeira *ball* para *black queens*.

O evento foi intitulado *Crystal & Lottie La Beija*, apresentam à primeira *House of La Beija Ball anual em Upthe Downstairs* Caso na *West 115th Street e 5th Avenue em Harlem, NY*. A indignação de *La Beija* contra o racismo e a produção de um concurso voltado para *drag queens* negras, gerou a comunidade *ballroom*, configurada a partir dos concursos de beleza e desfile de trajes.

A comunidade *ballroom* é um espaço de luta e resistência para pessoas negras LGBTQIA+ travestis/trans. É um ambiente de confraternização e competição, envolvendo as *houses* (casas) de indivíduos que redefiniram os conceitos de família, comunidade e sociedade, buscando superar as desigualdades que afetam esses corpos, privando-as de seus direitos básicos e essenciais como cidadãos.

2.2 TÍTULOS E AS ESTRATÉGIAS DE ORGANIZAÇÃO HIERÁRQUICA

A Comunidade dos Bailes tem sua forma de existir enquanto acordos, regras e princípios, pensando na necessidade de explicar sobre títulos e qual impacto possuem nesse espaço trago uma visão geral sobre essa perspectiva.

Existem pelo menos cinco formas de titulações, para uma melhor compreensão sobre as estruturas que a comunidade tem como base, assim, temos *Pioneer, Star, Statement, Legend* e *elcon*.

A primeira estrela oficialmente reconhecida pela Comunidade *Ballroom* no Estado de Alagoas é *Star Mother Diamond Muzi*. *Star* significa “Estrela” e esse é o título que recebe em Alagoas no dia 17 de dezembro de 2021. Esse reconhecimento aconteceu na *Posithiva ball* onde *Diamond* estava como uma das juradas da noite.

Quando penso em título logo reflito em quem ou como é dado esse tipo de reconhecimento, adiante será discorrido melhor sobre essa experiência que visa registrar e pontuar os momentos de maior significância pessoal e profissional.

É importante ressaltar que esse título também foi dado um ano depois para a segunda *Star* de Maceió/AL David Telles 007¹⁵ e atualmente segue só essas duas figuras com esse título no estado.

¹⁵ David Telles é artista, dançarino de vogue e dança popular com ênfase na quadrilha.

O reconhecimento de qualquer pessoa na cena *ballroom* é feito através da pessoa pioneira de cada estado, por exemplo, na cena alagoana temos *Overseer Fênix Negra de Mandacaru*¹⁶, em Fortaleza temos *Pioneira mãe Yagaga Kengarel*¹⁷ e em Recife temos *Pioneiro Edson Vogue*¹⁸ e *Overall Mãe Rany Mandacaru* trago esses nomes para contemplar o título de pioneiros no Brasil¹⁹.

Os pioneiros são responsáveis por analisar, perceber e reconhecer junto a cena local quem são as pessoas que além do tempo de comunidade produz, contribui e fortalece de maneira ativa fazendo também conexão com outros estados, levando conhecimento sobre a comunidade.

No Brasil existe um grupo da ferramenta virtual *Whatsapp* que conecta os pioneiros de todo o país, assim, esses diálogos são mais estreitados e todos se colocam a partir do estado que cada um representa, a estrutura de títulos é aplicada pois, estrategicamente a *ballroom* tem cinco formas de titulações são elas: *Pioneer/trailblaze*, *Star*, *Statement*, *Legend* e *Icon*.

2.2.1 Pioneer/trailblazer - Pioneira(o)(e)

É reconhecido como “Pioneira” pessoas ou casas que são a primeira referência que uma cena local/regional tem sobre a comunidade *ballroom*. É quem inicia as movimentações dos bailes na localidade ou região em sua maioria das vezes atuando com oficinas de dança vogue e outras categorias da *ballroom*. Quem recebe essa titulação também é responsável por compartilhar a memória dos bailes, percebendo as interações que a *ballroom* recebe seja sobre gênero, raça ou sexualidades e uma das características mais importantes é ser acessível a intercâmbios e ter uma escuta ativa para as demandas que chegam através da comunidade *ballroom*.

2.2.2 Star - Estrela (o)(e)

Star é a primeira forma de reconhecimento de figuras que já são consideradas cruciais para o fomento da “Comunidade *Ballroom*”. Quem recebe esse título são

¹⁶ Irei contextualizar nos próximos momentos da escrita.

¹⁷ Pioneira Mãe Yagaga Kengarel pela cena do Ceará é produtora cultural e multiartista.

¹⁸ Pioneiro Edson Vogue é artista pernambucano e dançarino de vogue.

¹⁹ Site dos pioneiros no Brasil. Disponível em: <https://pioneersbr.wixsite.com/pioneersbr>.

peessoas que já se destacam em alguma categoria e principalmente são associadas a comunidade de forma orgânica pois, entende-se que essa figura é uma extensão da comunidade, quem pode dar essa titulação e todas as outras abaixo é a pessoa pioneira da cena específica de cada estado, trago os nomes *Star* Telles 007 (AL), *Star* Eva Bessa 007 (CE), *Star Lady* Desejo Mandacaru (PE) para identificar algumas estrelas.

2.2.3 *Statement* - Um fato

É um título que tem o intuito de apontar um “fato” ou uma “afirmação”, as pessoas que são *Statement* são admiradas pelo seu talento na ou nas categorias que caminha, a pessoa também já pode ter recebidos prêmios pela contribuição na comunidade, ter ganhado muitos *grandprizes* ou serviu muitas finais de competição já iniciou seu legado fora do seu estado e pode ser uma pessoa que produz *balls* (bailes) e é júri em muitas *balls* dentro ou fora do seu estado, trago o nome de *Statement* Painho Victinho Mandacaru de Pernambuco.

2.2.4 *Legend* – Lenda

A pessoa que recebe o título de lenda é considerada a “maior” na categoria e tem o seu talento aclamado, as lendas também caminham em mais de uma categoria nos bailes e ganharam muitas *balls*. É uma pessoa reconhecida dentro e fora da sua cena local é sempre chamada para compor a banca de júri nas *balls*. Sempre vai ter seu nome reconhecido nos lugares em que a *ballroom* estiver e sempre vem se superando nas caminhadas e entregando as melhores *performances* trago o nome de *Legendary* Joana Kengaral do Ceará.

2.3.5 *Icon*- Ícone

Quando a figura da *ballroom* acessa esse lugar, tenha certeza de que a pessoa significa a sua própria marca, as ações do Ícone vão para além de fomentar alguma casa. Tudo o que é feito começa a ser inteiramente pela comunidade, ganhar prêmios foi o que não faltou, suas formas de se mover nos bailes são reproduzidas afirmando também o seu legado, por isso muitas vezes a pessoa nem

precisa caminhar mais nas *balls*, pois seu legado é legítimo na história. Ter estruturas e objetivos definidos é fundamental para pensar a organização de fundamentos criados, o respeito pelas histórias é uma das principais ações que fazem da comunidade *ballroom* uma potência na vida de tantas pessoas que são atravessadas por ela.

2.3 “VOGUEANDO”

O *Vogue* ou *Voguing* é uma das categorias dançadas dentro da comunidade *ballroom*. *Voguing* é uma dança afro-diaspórica que tem seu nome inspirado na revista de moda americana “*VOGUE*” essa ligação surge pela utilização das formas geométricas e *posing* realizadas pelos corpos praticantes na década de 1980.

As diversas formas de dançar dentro da *ballroom* é caminho para viver no corpo uma imensidão de emoções físicas, tendo três formas de se movimentar. O *Vogue*, além de *performances* e técnica de dança se trata de pertencimento, com isso o termo “Vogueando” surge no intuito de representar os movimentos que são executados na *performance* dos bailes/batalhas, visto que cada elemento transmite uma história. Na *ballroom*, o que afirma a existência de cada pessoa é o legado que se constrói. Isso acontece cada vez que o indivíduo caminha nos bailes e participa das batalhas ou contribui para a consistência da comunidade no espaço em que habita, assim, Vianna (2005) afirma que:

E a dança não significa reproduzir apenas formas. A forma pura é feia, estática, repetitiva. Dançar é muito mais aventurar-se na grande viagem do movimento que é a vida. Nesse sentido, a forma pode comparar-se à morte e o movimento à vida (VIANNA, 2005, p.112).

Vianna (2005) destaca a relação entre andar e o suporte que se estabelece entre o corpo e o chão, bem como o papel do corpo na locomoção. O “*Catwalk*”, é o movimento de deslocamento para *performance* da *Ballroom*, dando vida ao se movimentar no espaço em diferentes sentidos até encontrar a direção que deseja percorrer, tendo a passarela²⁰ como suporte para o movimento assim, a caminhada torna-se única para contar cada história.

²⁰ A passarela para a *ballroom* é conhecida também como *Runway* nesse caso não sendo uma categoria, mas, o espaço que as batalhas/performances acontecem.

A liberdade de deslocamento é mais evidente quando há equilíbrio entre o corpo, o solo, a gravidade e o espaço. Como a *ballroom* é uma extensão da vida, fora dela o *catwalk* tem sua construção pensada no próprio ato de andar, sua forma é executada da seguinte maneira: o ponto inicial são os pés que devem ser elevados, ficando assim em uma meia ponta, subindo para as pernas temos os joelhos flexionados, logo depois, pensar em jogar os quadris para as laterais em forma pendular, chegando na parte superior do corpo a dinâmica de *hands performances* (*performance* das mãos) vai ser com o ataque dos braços pensando na proposta inicial de caminhada, jogando para frente o braço contrário da perna, sendo um braço esticado para a frente e o outro dobrado sentido ombro, assim o deslocamento acontece levando o corpo para explorar o espaço da *performance* chamado também de *Runway* (passarela).

Reconhecer o que se dança é uma busca prática pela história do movimento. A dança me deu a oportunidade de perceber as diferenças de movimento sem consciência e movimento com consciência corporal.

A consciência não está somente ligada à execução correta do movimento, junto com o corpo a mente trabalha para se sentir pertencente ao que se dança, pensando na importância do vogue fazer parte de uma cultura dando margem para expressão corporal, oral e intelectual tornando-se um movimento de resistência. Isso acontece quando me exponho nas *balls* (baile) especificamente em competição, diante das batalhas temos dois copos que se enfrentam e ao mesmo tempo celebram a vida no mesmo espaço.

Sinto a técnica da dança vogue como um grande caminho, assim, ataca “voguendo” a minha história, sentir o baile é fundamental para que toda essa junção faça sentido de dentro para fora, em palavras, sinto uma energia que irradia da gira que se cria no momento da *ball*²¹ (baile).

O funcionamento da dança no meu corpo tornou-se uma busca prática por reconhecer a técnica em cada movimento executado. Quando se tem contato com o hibridismo²² das Danças Urbanas, fazer uma leitura do que se move torna-se complexo tanto para quem observa quanto para quem executa o movimento, o

²¹ A *ball* é o evento, o acontecimento pano de fundo para o desenrolar de todos os elementos dessa cultura. As figuras do filme narram a importância das *balls* em suas vidas e como tudo está relacionado com um desejo de fama, de estrelato e glamour, situação distante das vidas desses sujeitos. Yuri, Lucas (2019).

²² A mistura de várias técnicas de dança resulta em outra dança.

resultado não se torna algo negativo, no entanto, no meu corpo, sentia a necessidade de sentido de dentro para fora.

Sentir-se pertencente a "algo" faz do indivíduo mais potente, quando é falado sobre reconhecer em mais de um corpo a sua própria história, na dança *Vogue* o elemento que vai te dar uma personalidade única na *performance* é o *Cunt*²³ que é aplicado em todas as categorias da *ballroom* ele conduz os movimentos proporcionando uma fluidez e sintonia entre corpo e a sensação que o mesmo pode sentir durante a *performance*, dito isso, a dança tem a capacidade de mover a expressão corporal, quando esse movimento faz parte da sua própria vivência, traz o real significado do fazer parte da "cultura" ou "comunidade", contribuindo e resgatando um corpo que dança a partir da sua própria história, vivendo cada movimento e criando gestos reais.

2.3.1 Categorias do vogue

2.3.1.1 Oldway ou The Only Way

Conhecido também pelo termo *Pop*, *Dip* e *Spin*, o *Oldway* é a velha forma das categorias dançadas da *ballroom* inspirando, assim, todas as categorias seguintes ao seu surgimento. A melhor forma encontrada para pensar nas categorias foi fazendo uma relação com a energia corporal e a própria intenção de movimento que cada estilo nos oferece. Minhas primeiras movimentações não partiram do *Oldway* em minhas práticas de dança *Vogue*, no entanto, cronologicamente, o movimento sempre poderá partir da perspectiva que o *Old* nos oferece.

A energia corporal que o *Old* tem está entre a fluidez e precisão, a contração corporal, conhecida também como "*Popping*", é o ponto de partida para a execução dos movimentos. "*Spin*" é um giro de 360° no próprio eixo do corpo "*Dip*" é um movimento de mergulho no chão.

As inspirações para a criação da *performance* do *Old Way* são compostas por algumas referências, tais como a moda e os movimentos dos "militares". A "moda", é uma das maiores influências que as categorias (seja ela estética ou dançadas) têm,

²³ O termo *Cunt* para a *ballroom* vem para expressar o que existe de mais intenso e saboroso na *performance*, esse termo também pode ser comparado com o "tesão" permitindo que o movimento seja gostoso e satisfatório.

possibilitando transmitir imagens de moda que na prática podem ser com ou sem movimento dando ângulos e formas seja no plano alto, médio ou baixo. Nos movimentos dos militares, observa-se que a inspiração nestes movimentos inclui as marchas, continências e outras formas contidas.

2.3.1.2 New Way

O *Vogue New Way* é constituído por movimentos no corpo inteiro que são precisos, flexibilidade e elegância em sua execução é fundamental para quem pratica. Seu surgimento é um desdobramento da categoria *Old Way* e teve sua consagração com *Willi Ninja*, conhecida também por ser o padrinho do *Vogue*.

O *New Way* tem seus elementos baseados em uma energia de controle, sendo eles os “*Clicks*” que são caracterizados por contorções das articulações e membros superiores. O “*Arms Control*” quer dizer controle dos braços principalmente agilidade. “*Hand illusions*” and “*Wristillusions*” significa ilusão de mão e ilusão de punhos utilizando características de mímicas, todas essas características também conversam com as formas geométricas e pensando numa tranquilidade junto ao equilíbrio de quem pratica/caminha nessa categoria.

2.3.1.3 Vogue Femme

Falar sobre o *Vogue Femme* é sempre uma reverência as percussoras dessa categoria as *Femme Quens*²⁴ que são as mulheres trans ou travestis que deram para essa categoria a proposta de sensualidade cheia de feminilidade e brilho. O *vogue femme* divide-se em duas energias corporais: a primeira é o *Sofit*²⁵ *oncunt* que transborda movimentos suaves como cremosidade e fluidez e *Dramatic*²⁶ que apresenta fervor e pulsação.

Identifica-se o *Soft* e *Dramatic* através da mesma base de elementos são eles: “*Hands Performance*” que significa *performance* das mãos, surgindo para desenhar e contar histórias. O segundo elemento é o *CatWalk*, que quer dizer “andar

²⁴ O termo FQ “*Femme Queen*” é para identificar mulheres transgêneros ou (*male-to-female*) em diversos níveis de transição de gênero que envolvem processos hormonais ou cirúrgicos, assim como implante de seios (SANTOS, 2018, p. 34).

²⁵ Registro prático do que é o *Sofitoncun*. Disponível em: <https://youtu.be/EYzNtS9FtoY?si=vhku-aL5EyoWEh2s>.

²⁶ Registro prático do que é o *Dramatic*. Disponível em: https://youtu.be/t_1w8Epj6NI?si=IZAHH2EC-hjX3QNI.

do gato” propondo uma movimentação de deslocamento no plano médio. O terceiro é o “*DuckWalk*” que significa “andar do gato”, a execução desse elemento acontece no plano baixo propondo transições entre os elementos. “*Floor Performance*” é a *performance* no chão que permite experimentar as possibilidades de movimentação e criação de repertório. O último elemento é considerado um conjunto de dois elementos, “*Spin and Dip*” se refere à combinação de girar e mergulhar.

Vogueando é um caminho de *performance* para as *balls* independente da categoria que se escolhe, percebendo um caminho dentro da dança vogue que compreende a vida particular de quem pratica essa caminhada tornando uma busca individual de prática da *performance* que se apresenta ao caminhar.

Quando iniciei as minhas práticas de dança *vogue* não me preocupava em qual didática seria melhor e sim de que forma eu conseguiria expressar as minhas individualidades, como por exemplo, os limites do meu corpo, como ressignificar um “*Dip*” já que minhas pernas não são finas e consequentemente o formato estético se apresenta de maneira diferente.

Outro aspecto da dança *vogue* que surgiu depois que já praticava era juntar uma sequência de movimentos para que meu corpo pudesse se sentir confortável na mesma proporção que desafiado, assim podendo responder de forma positiva para o que eu estava querendo executar, que nesse momento eram os elementos que compõe a dança *vogue* de maneira mais orgânica, criando assim uma junção de elementos até atingir a sequência.

Quando se inicia a prática da dança *vogue* é interessante a proposta de iniciar os elementos na ordem que foram citados anteriormente primeiro com o *Hands Performance*, *CatWalk*, *DuckWalk*, *Floor Performance* e *Spin and Dip*, facilitando assim a memorização de cada elemento mas, experimentar outras sequências de ordem desses elementos traz uma autonomia na hora de expressão no corpo a personalidade individual da dança *vogue* como por exemplo: Iniciar uma *performance* de *vogue femme* é pensar no *hands performance* (*performance* das mãos) para abrir a sequência dentro das *balls* mas, treinar com outros elementos que mencionei acima, me fez brincar com a criatividade, essa liberdade me trouxe autonomia e me fez perceber que o movimento é único não só para a *performance*, mas também para quem se propõe a praticar e esse é um aspecto fundamental para avançar nas batalhas.

Cada categoria é um encontro das características apresentadas em cada elemento executado, como por exemplo, juntando os 5 elementos do *vogue* sendo executado por um corpo feminino cisgênero temos a categoria "*Women's Performances*"²⁷. Atualmente, caminho nessa categoria no estilo "*Vogue Femme*". Sinto que a dança *Vogue* é um lugar onde a personalidade e corpo grita lado a lado com alma de quem dança e toda vez que isso acontece, sinto que ser uma dançarina de *vogue* é um caminho para permitir que meu corpo possa experimentar a realidade que estou vivendo, percebendo assim, essa materialização fortalecendo e dando esperança para continuar acreditando nas minhas potencialidades dançantes.

2.4 MUZI: DIAMOND MUZI

Quando o nome *Diamond* começou a ser utilizado como identidade, muitos questionamentos foram feitos por mim e por outras pessoas da cena *ballroom* através das redes sociais sobre a escolha desse nome, inclusive sobre qual a relação que ele tinha com a *House of Muzi*. Confesso que não havia parado para explicar de maneira mais detalhada esses motivos por entender que a comunidade abre espaço de renascimento no momento que a pessoa integra esse espaço.

O nome *Diamond* é uma palavra em inglês que tem significado "diamante" sendo uma pedra preciosa conhecida por sua dureza e brilho. Quando esse nome chega até mim como forma de metáfora, passo a me apropriar também das qualidades que venho buscando, sendo algumas delas a coragem, determinação e resiliência, e é assim que sigo construindo os meus caminhos.

Diamond me representa pelas dificuldades e obstáculos, me tornando capaz de brilhar nas situações mais difíceis, me colocando como inspiração para mim mesma e sendo suporte para outras pessoas, entendendo assim na prática o exercício do empoderamento que em sua base tem a dinâmica de empoderar-se para empoderar, algumas experiências me marcaram e a partir desse momento irei relatar duas delas.

Nos estudos iniciais sobre a comunidade *ballroom* uma das primeiras informações que chegaram em minhas interações presencialmente ou através de

²⁷ O termo *Woman* é para identificar mulheres cisgênero que vivem como mulher e são lésbicas, heterossexuais ou *queer* (SANTOS, 2018, p.34).

redes sociais foi o conhecimento de que quando se entra na comunidade pode renascer através do nome para que isso seja o mais confortável possível para quem vive neste espaço assim, entendi que precisaria usar um nome que me representasse dentro da comunidade *ballroom*, a primeira ideia que surgiu em minha mente foi iniciar uma identificação com o propósito que buscava trilhar na comunidade. A primeira vez que li sobre empoderamento através no livro “Quem Tem Medo do Feminismo Negro” da filósofa Djamila Ribeiro eu não tinha compreensão da dimensão dessa forma de se relacionar comigo mesmo e com os meus.

Quando começo a utilizar o nome *Diamond* sinto a necessidade de aprofundar outras leituras e percebendo a dinâmica do empoderamento, sobretudo de mulheres negras como a filósofa Djamila Ribeiro que me faz perceber que para contribuir com autoestima seja ela intelectual ou física é fundamental ter condições e possibilidade de exercer essa prática, assim, encontrei no empoderamento o processo de me reconhecer para que a partir desse movimento possa empoderar outras pessoas. Ribeiro (2018) conceitua que:

O termo “empoderamento” muitas vezes é mal interpretado. Por vezes é entendido como algo individual ou a tomada de poder para se perpetuar opressões. Para o feminismo negro, possui um significado coletivo. Trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres como sujeitos ativos da mudança (RIBEIRO, 2018, p. 135).

Ao refletir sobre empoderamento a partir de Ribeiro (2018), percebo que passei pelo processo de adquirir poder, confiança e controle sobre meu corpo, escolhas e voz ativa sobre quem eu sou e quem quero ser, compreendo esse lugar por saber que outras mulheres são referências em minha caminhada e que cada identificação com outras mulheres é um movimento contínuo de acreditar na potência pessoal e profissional, pois através dessas identificações entendi que esse seria um caminho que queria trilhar na comunidade.

A minha primeira *Ball* (Baile) e as primeiras aparições dentro da comunidade aconteceram dentro do evento *Vogue Fever: Hellcife Ball*, nos dias 29, 30, 31 de agosto e 01 de setembro de 2018 em Recife/PE. Neste evento contamos com a participação de figuras importantes para a Comunidade *Ballroom* nacional e

internacional como *Archie Burnet*, Trio Lipstick²⁸, Pioneiro Edson Vogue²⁹, Pioneiro *Legendary Father* Félix Pimenta Zion³⁰ e *Legendary Makayla Revlo*³¹ é nessa oportunidade de primeira *Ball* que acontece a primeira aparição de *Diamond 007*³².

Para a *Ballroom*, a competição é realizada a partir de categorias como explicado anteriormente e para quem aparece pela primeira caminhando nas categorias dançadas, a pessoa se delimita como competidor na categoria *Baby Vogue* ou *Virgin*, quando esse momento acontece, pode-se afirmar que aquela pessoa está tendo uma noção mínima do processo da categoria que escolheu para caminhar (competir). Em seguida surgem, os 10s (tens), que são as notas dadas pelo júri para afirmar que você está apto para caminhar na categoria que escolheu também pode acontecer de levar o *chop* que significa cortar a pessoa que está caminhando por não estar apta para caminhar na categoria.

As categorias que escolhi caminhar foram *Runway*³³ e *Vogue Performance*, essa escolha partiu dos treinos e dos estudos que eu já tinha iniciado assim, me sentindo mais segura para me permitir executar a experiência da caminhada no baile. As Figuras 3, 4 e 5 trazem em foto para maior compreensão dos momentos citados anteriormente.

²⁸ Grupo de *performance*, pesquisa e produção de Belo Horizonte. Juntas desde 2011 dedicam seus trabalhos e estudos a dança Vogue e a cultura *Ballroom*, atuando como professoras, *performers* e juradas em eventos desse segmento no Brasil.

²⁹ É formado em licenciatura em dança pela UFPE. Professor, pesquisador, passista de frevo, *stiletto* e *voguing*, publicou uma pesquisa com as linguagens do frevo e do *voguing* a partir da identidade negra. Conheceu o estilo em 2008 através da música de Madonna. Foi a partir de 2016, em uma apresentação do Trio *Lipstick* no Recife que se aprofundou em pesquisas e treinos. Edson é considerado a mãe da *Kiki House of Guerreiras* (PE). Atualmente mantém pesquisa voltada para o *femme voguing*.

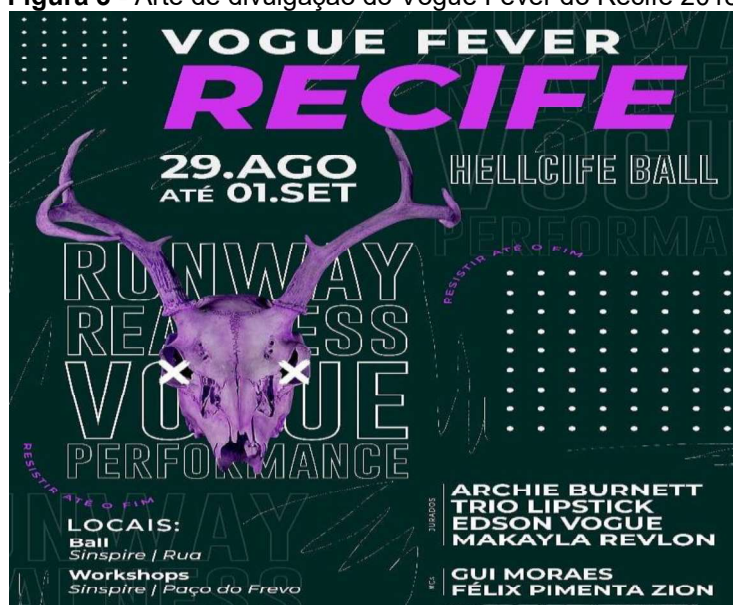
³⁰ É dançarino, pesquisador, professor e coreógrafo de danças urbanas. Especializado nas danças *Waacking* e *Voguing*, é membro da IHOW- *Chapter* Brasil, membro do Coletivo Amem, da Cia Conceito Urbano e *performer* da noite paulistana. Participa de ações ligadas ao público negro LGBT+, promovendo espaços que debatem gênero, classe, HIV/AIDS, raça e saúde da população negra, em toda América-Latina.

³¹ É uma grande especialista na dança Vogue. Integrante da *House of Revlon* (Paris) e da *House of Cazul* (Brasil), acumula vários prêmios em diversas *Balls* do país. Moradora do Morro do Alemão, Makayla é uma grande referência na cultura *Ballroom* da América Latina.

³² O termo 007 na Comunidade *Ballroom* significa pessoa que não faz parte de nenhuma *house* (casa) assim, 007 identifica pessoas que estão na comunidade contribuindo individualmente.

³³ Categoria de estética que dialoga diretamente com a moda e sua execução se inspirando na caminhada de passarela.

Figura 3 - Arte de divulgação do Vogue Fever do Recife 2018



Fonte Instagram - @bhvoguefever (2018).

Figura 4 - Aula de Frevogue com o Pioneiro Edson Vogue



Fonte: Instagram - @bhvoguefever (2018).

Figura 5 - Finalização da Roda de Conversa sobre Comunidade Ballroom



Fonte: Instagram - @bhvoguefever (2018)

O segundo baile que participei surgiu como mais uma oportunidade de estudo sobre a comunidade e oportunidade de me conhecer melhor como pessoa e artista da dança. Aconteceu de 17 a 28 de janeiro de 2019. Esse evento foi o "Circuito Vera Verão: A Cultura *Ballroom* em Conexão", na sua terceira edição a *ball* se expandiu pela cidade de São Paulo com um circuito de atividades formativas discutindo temas relacionados à raça, classe, gênero, saúde pública, HIV e Direitos Humanos, difundindo o conhecimento produzido pela Cultura *Ballroom*. No dia 26 de janeiro de 2019, aconteceu a culminância do "Circuito Vera Verão: A Cultura *Ballroom* em Conexão" que foi a "A *Ball* Vera Verão: *Revolution Now* 2019" que teve a realização do Coletivo Amem *elconic House of Zion*.

Na época me desloquei para a cidade de São Paulo para aprimorar meus conhecimentos sobre a Comunidade *Ballroom* em uma das principais *Balls* do Brasil, que contou com um grande evento e sua culminância realizou-se "A *Ball* Vera Verão: *Revolution Now* 2019"³⁴. Esse evento também recebeu pessoas fundamentais para o fomento da comunidade que ofereceram oficinas sobre a *ballroom* e dança *Vogue*. A presença internacional de *Pony Zion*, dançarino norte americano ícone da *Ballroom* e (*Father*) Pai da *House of Zion* e de *Brad Walrond* que também pertence à *ballroom* em Nova Iorque é poeta e *performer* ambos foram essenciais, pois, discutem em seus trabalhos o desenvolvimento da consciência humana na intersecção entre classe, raça, gênero e sexualidades.

Nessa experiência momento fiz aulas começando por: *Iconic Father Pony Zion* (NYC), *Brad Walrond* (NYC), Pioneira Kona Zion³⁵ (*mother da Iconic House Of Zion/cap Brasil*) Pioneira Ákira valanx³⁶ (*mother da kiki house of Avalanx*), *Legendary Zaila Be*³⁷ (*filha da Iconic House Of Zion/cap Brasil e Mother da Kiki Casa de Candaces*, Ainda em SP fez aulas de Old Way com a *Legendary Jessy Velvet Zion* (*filhe da Iconic House of Zion e mãe da Kiki House of Black Velvet*).

³⁴ Tema da *Ball* Vera Verão de 2019 na cidade de São Paulo.

³⁵ Professora, bailarina, artista, kapoeira, vogueira, *performer*, cospidora de fogo, maquiadora profissional, pioneira da cena *ballroom* no centro oeste e "Mother" de 2 casas de equipes de dançarinos de vogue, super importantes no país: a Zion e a *Hands UP*. Maria Eduarda Kona Zion é artista, pesquisadora e fomentadora da cultura preta-latina-trans-periférica LGBTQIAPN+, é referência nacional na dança vogue e ministra aulas, debates e palestras por todo o país.

³⁶ Produtora cultural e multiartista, fundadora da *International Pioneer House of Avalanx* (A.v.A). Reconhecida como Pioneira/*Trailblazer* do movimento *Ballroom* no Brasil representando o Estado de São Paulo. Faz parte do Programa IST, Aids da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo. Ministra oficinas, palestras e atua como jurada de eventos voltados à cultura *Ballroom*.

³⁷ Artista independente, *performer*, professora e coreógrafa de danças urbanas. Mãe da Casa de Candaces kiki house. Sesc Verão 2023.

É importante ressaltar que paralelo as atividades realizadas durante o evento já citado aconteceram à aula *Vogue Femme* com a *Pionner Ákira Avalanx West*, foi uma ação promovida pela *Kiki House Of Becher*³⁸ para auxiliar financeiramente na retificação de documentos da *Femme Quenn Ákira*, afirmando também que a cena é também um lugar de ajuda para a sobrevivência desses corpos possibilitando pessoas a terem mais experiência sobre *ballroom* nas mesmas semanas do evento.

Refletindo sobre essa caminhada, se pensa como se deu cada etapa antes e depois dessa viagem à São Paulo. Senti que sai da minha zona de conforto, que era estar em Maceió, Alagoas, e meu corpo seguindo uma nova jornada diaspórica. Essa experiência contribuiu para o meu crescimento artístico mesmo com as dificuldades de chegar ao Sudeste, dificuldades essas que partiram do financeiro ao psicológico.

Quando penso no apoio necessário para alcançar esse objetivo e nas dúvidas que tive em relação à minha *performance* de dança vogue, questionando se seria boa o suficiente para estar naquele novo ambiente, cercado por pessoas que levavam um estilo de vida diferente do meu, lembro-me das valiosas contribuições de duas importantes pesquisadoras: Fabiana Dultra Britto, pesquisadora em dança pela Universidade Federal da Bahia, e Paola Jacques, pesquisadora na área da arquitetura.

Elas introduzem o conceito de "corpografias" que se concentra no estudo do corpo no espaço. Com base nessas corpografias, destaca-se um dos aspectos que emergem: a maneira explícita com a qual o corpo revela minha jornada e quem realmente sou neste ambiente.

As corpografias urbanas, que seriam estas cartografias da vida urbana inscritas no corpo do próprio habitante, revelam ou denunciam o que o projeto urbano exclui, pois mostra tudo o que escapa ao projeto tradicional, explicando as micro práticas cotidianas do espaço vivido, as apropriações diversas do espaço urbano (BRITTO; JACQUES, 2008, p 80.)

A corpografia tem uma perspectiva visual da forma como o corpo percebe e reflete as normas, valores e dinâmicas sociais que o cercam. O espaço que o corpo escolhe ocupar e a maneira como se movimenta dentro dele atuam como um espelho das influências sociais que contribuem para a formação da identidade e da experiência individual. Por exemplo, me ver em um espaço que nunca estive antes

³⁸ Casa que pertence a cena KiKi da *Ballroom* São Paulo.

me fez sentir a necessidade de me preparar muito para essa *ball* (baile), que mesmo existindo em um espaço que imprime um contexto frequentemente caracterizado pela opressão a comunidade me possibilita sentir e viver de um lugar contracultural, assim me preparei para caminhar em *Vogue Virgin*³⁹, essa categoria tinha um tema que era “Geração Tombamento” esse tema vem para falar sobre a juventude negra e suas novas referências em moda, dança e ancestralidade chegando na batalha final.

Final na categoria *Vogue Virgin*. Em 2019, São Paulo era uma referência de realidade *ballroom*, e possível de promover a comunidade em mim, sobretudo o *voguing*, que eu já tinha como foco e o meu processo de desenvolvimento dessa técnica já estavam em construção e já vinha sendo colocada em prática. Nesse momento minha maior diligência era dançar, me aproximar de pessoas que eram e até hoje são referências, como os filhos das casas e *mothers/fathers*, usei dessa estratégia para entender os fundamentos dessa comunidade.

Sair de Alagoas sempre foi um objetivo profissional, pois viver outros ambientes e acumular experiências foi uma forma de estudo para compreender a comunidade *ballroom* e principalmente me evoluir como pessoa, me sentir distante e compreender na prática a busca de conhecimento de extrema relevância. Nessa caminhada não estive sozinha, criei alguns laços que foram fundamentais para me manter firme nos dias que estiver distante de casa.

Minha sensação ao pensar sobre dança como ferramenta de trabalho era algo possível e cada vez mais sólida pensando sobre isso. Uma das coisas que mais escutava nas aulas em Maceió era “chegar primeiro na aula e sair por último do treino”, essa expressão sempre acompanhou durante minhas andanças, hoje compreendo que é também um reflexo que pessoas nordestinas precisam sempre fazer o dobro para tentar alcançar um espaço. Quando cheguei em SP não sabia muito bem o que esperava, era levada pela perspectiva de aproveitar cada oportunidade já que Maceió ainda não tinha cena *ballroom*.

No dia 26 de Janeiro de 2019, acontece a culminância do Circuito Vera Verão: A Cultura *Ballroom* em Conexão, que foi a ‘A Ball Vera Verão: *Revolution Now* 2019. Observa-se a divulgação na Figura 6, onde para esse *ball* (baile) me preparei para caminhar em *Vogue Virgin*.

³⁹*Vogue Virgin* é uma categoria dedicada à dança *vogue*, seja ela: *Oldway*, *New way* ou *Vogue Femme* e quem caminha nessa categoria são pessoas que nunca caminharam ou só caminharam uma vez nessa categoria. Registro da caminhada de *Star Mother Diamond Muzi* em *Vogue Virgin* na *ball* (baile) Vera Verão. Disponível em: <https://youtu.be/rLTy0Zr0BoI?si=LEWsqMVQo3wkqxpC>.

Figura 6 - Arte de divulgação do evento circuito Vera Verão



Fonte Instagram - @festaamem (2019).

Na Figura 7 segue o registro do dia, essa categoria tinha como tema “Geração Tombamento” que vem para falar sobre a juventude negra e suas novas referências em moda, dança e ancestralidade, um dos desafios também foi ser *Mother* da Pioneira Kiki House de Alagoas “House Of Muzi”, ao lado Du Pioneire Fênix Negra na época Mai da Muzinesse mesmo baile (*ball*).

Figura 7 - Star Mother Diamond Muzi na categoria Vogue Virgin



Fonte: Instagram - @festaamem (2019).

Sentir-me responsável pelas minhas próprias escolhas me levou a um sentimento de felicidade e força por assumir o papel de mãe, mesmo sem ter tido uma mãe dentro da comunidade *ballroom*. Com isso, venho compreendendo que essa posição de liderança me fez abraçar e viver a *ballroom* de maneira única, podendo expressar minhas dores, valores em relação à sociedade e o que meu

corpo vem comunicando sobre quem sou e como sou neste ambiente de luta e força ancestral.

2.5 PIONEIRA KIKI HOUSE OF MUZI (AL)

Hooks (2013) constrói um pensamento sobre partilha/troca através do ato de ensinar, falando que a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. A partir dessa afirmação minha experiência como *Mother* (Mãe) da *Ballroom* em Alagoas/Maceió me fez perceber que as casas têm seus fundamentos para compor uma estrutura familiar atreladas às hierarquias de acordo com o tempo de comunidade que cada indivíduo tem.

Na cena *kiki* é normal ter mães jovens assim como eu, mas, é de suma importância ter conhecimento de fundamentos, regras, logística de execução de bailes, como direcionar para a realidade que a comunidade tem a oferecer dentre outras características, incluindo as regras individuais das casas criadas pelas lideranças que também compõem o cenário da *ballroom*, todos esses ensinamentos solidificam a cena quando *Oyèrónké Oyěwùmí* afirma que: “Mas não é só nas artes visuais que *Ìyá* sua arte estão presentes; de fato, o papel de *Ìyá* é predominante nas artes verbais, principalmente nos *orikis*. *Oriki* é uma poesia recitada e dirigida a uma determinada pessoa ou assunto” *Oyěwùmí* (2016, p.15), assim, compartilhar conhecimento através do ato de falar é o principal eixo de comunicação dentro da experiência que vim construindo como mãe.

É importante ressaltar também que cada experiência é única e as dificuldades no percurso também, mas é de suma importância se manter na escuta ativa para que todos possam compreender e construir experiências individuais, seja na relação entre os membros da casa ou sobre a própria história na comunidade.

Cabe destacar que, pensar sobre a forma como se fala diz muito sobre o tipo de experiência que se quer deixar na vida de outra pessoa, sobretudo como a visão de quem aprende pode evoluir e transgredir de maneira respeitosa protegendo o corpo e a alma, para que esse filho sinta a necessidade de em algum momento ser também veículo para encaminhar as discussões que permeiam a própria comunidade. Essas possibilidades falam diretamente com a liberdade de ser e existir de forma única, escrevendo histórias e fazendo parte dela.

2.5.1 As Houses (casas)

Seu surgimento tem como objetivo acolher cada indivíduo, impulsionar seu potencial e direcionar seus esforços para alcançar realizações significativas para caminhos de estudo e prática da comunidade. O primeiro aspecto a ser pontuado é o acolhimento, pois é voltado para o lado emocional, onde cada pessoa tem espaço para manifestar suas dores e se sentir confortável entre família. O segundo ponto é o direcionamento que serve para dar uma base de conhecimento para quem está desejando buscar a *ballroom* como uma possibilidade de se reencontrar em novos caminhos artísticos, profissional e familiar.

É um espaço de refúgio onde se busca um local seguro para dialogar sobre as diversas perspectivas de vida como o lado profissional e afetivo. Esses momentos acontecem de fato com pessoas que compreendem as individualidades, ou seja, no âmbito pessoal e profissional de cada pessoa tendo uma boa troca de conversas com cada membro da família.

O acolhimento é o momento de escuta que a casa faz com cada filho. É importante ressaltar que as casas também têm o papel de direcionar para o conhecimento interno da casa que são os fundamentos para a permanência coletiva e o legado que a mesma pode construir nesse caminho e a importância que a *ballroom* tem no processo de profissionalização dessas pessoas que atravessam a casa levando uma absorção de consciência de forma democrática, dando possibilidade de escolha e autonomia, acreditando em cada potência que emerge dentro de si. De acordo com a citação de Rossler (2004) que vem falando sobre o indivíduo ter possibilidade é fundamental para o ser se tornar humano afirmando que:

Na vida cotidiana o indivíduo age, além de espontaneamente, a partir da probabilidade, isto é, da possibilidade. No cotidiano, entre a ação das pessoas e as suas consequências, estabelece-se sempre uma relação objetiva de probabilidade. Não seria viável para os indivíduos pretender, perante a heterogeneidade das atividades cotidianas, estabelecer com certeza científica as consequências de todas as suas ações (ROSSLER, 2004, p. 106.)

Compreendendo o que o autor dialoga, “existir no espaço que não permite o poder de escolha é relacionar a nossa existência baseada no sistema que mata qualquer possibilidade de copos marginalizados existirem”. Partindo dessa

afirmação, a comunidade *ballroom* se torna possibilidade de um ambiente contracultural que pensa o contrário do corpo social fazendo dela um espaço de reeducação, reconstrução de saberes e autoestima levando o indivíduo mais próximo do poder de escolha e protagonismo da sua própria história.

É considerado “Pioneira” pessoas ou casas que são as primeiras referências que uma cena local/regional tem sobre a comunidade *ballroom*. É quem inicia as movimentações dos bailes na localidade ou região na maioria das vezes atuando com oficinas de dança *vogue* e outras categorias. Quem recebe essa titulação também é responsável por compartilhar o legado da história dos bailes, compreendendo os atravessamentos que a *ballroom* recebe seja sobre gênero, raça e sexualidades, uma das características mais importantes é ser acessível a diálogos e ter uma escuta ativa para demandas que chegam através da comunidade *ballroom* geral ou regional.

Quando se fala na palavra “*KIKI*” é para identificar de qual cena dentro da *ballroom* cada casa ou pessoa pertence, tendo em vista que existem dois lugares: O primeiro, é a cena *Mainstream* que abarca todas as casas originais do seu território de nascimento, a cena *KiKi* é conhecida por ser as pequenas casas e não existe a necessidade de surgir no lugar de nascimento da cultura *ballroom*.

A Pioneira *Kiki House Of Muzi* surge com a perspectiva de direcionar pessoas para enxergar o movimento da comunidade *ballroom* e proporcionar o surgimento dessa comunidade em terras alagoanas, para isso usamos de forma prática questões particulares e de atravessamentos coletivos. Para entender melhor voltaremos na metodologia aplicada que foi o mecanismo de ensino que atuamos para compartilhar os conhecimentos da comunidade *ballroom* através de rodas de encontros como rodas de conversa e treinos práticos que aconteciam dentro do Espaço Cultural da UFAL onde funcionavam os cursos de Dança e Teatro antes da pandemia da Covid-19 e para compreender o processo de criação da *Muzi* apresento alguns pontos sobre as lideranças da *house* (casa) da época.

A *Muzi* teve a idealização pela ex Mai⁴⁰ Fênix Negra na época *Muzi* atualmente de Mandacaru e a atual *Mother* (mãe) Star *Diamond Muzi*. No ano de 2018, *Diamond* busca conhecer melhor a comunidade *ballroom*, no início ainda

⁴⁰ O termo Mai é referente à figura que representa um lugar de liderança no contexto familiar da *ballroom*, afastando-se da binaridade de gênero (Masculino/Feminino) contemplando assim, as pessoas Não Binárias que ocupam esse lugar.

buscando uma consciência sobre essa comunidade, resolvendo manter encontros semanais, como nossos estudos acadêmicos aconteciam na Universidade Federal de Alagoas, o local de ação era no espaço cultural da UFAL onde funcionavam os cursos de artes, assim, recebíamos a aproximação dos alunos dos cursos de dança da UFAL e pessoas que ainda não estavam inseridas nesse local assim, fizemos uma ação de extensão não oficial dentro do espaço acadêmico assim, as pessoas que chegaram para esse processo foram escutas ativas de criação da *house* (casa).

O primeiro passo foi pensar qual seria o nome da nossa *house* (casa) a pergunta disparadora foi: “O que nos atravessa na individualidade e na coletividade negra, periférica e LGBTQIAPN+?” e “Qual tipo de casa queremos ser para a comunidade *ballroom* Alagoas” em Maceió/Alagoas?

Com essas perguntas, iniciamos uma busca coletiva sobre o que nos fazia forte, assim, entendemos que a nossa força vem da ancestralidade negra que nos permite e realizar nossos desejos de sonhar com espaços democráticos possíveis de potencializar toda a nossa intenção produtiva de que sempre estavam voltados para o desenvolvimento da *ballroom* em Alagoas.

Realizando uma busca online encontramos o nome Muzi, que tem significado africano que quer dizer (Casa/Zulu da África do Sul). O Povo Zulu foi o maior grupo étnico do continente africano, seu surgimento teve como pilar inicial a expansão e crescimento do seu povo, assim, prosperando através do ato de desenvolver. A Pioneira *Kiki House Of Muzi* em seus primeiros passos já compreendia que seria o primeiro sopro de solidificação da comunidade *Ballroom* Alagoas.

O Portal Geledés foi o local onde encontramos essa potência de nome para nossa casa no ano de 2019. Geledés é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa das mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminação no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo, percebendo tamanha grandiosidade desse nome Fênix e eu decidimos nos apropriar desse sobrenome *Muzi*.

No dia 07 de dezembro de 2019 aconteceu a primeira aparição da *House of Muzi* no bairro do jaraguá especificamente no Rex Bar, dentro da festa Umbral realizada pelo coletivo Umbral assim, contamos com a participação de toda a *house* (casa), foi um momento histórico marcando assim, o início da primeira *house* (casa) da cena *kiki* da comunidade *ballroom* em Alagoas.

É importante ressaltar que durante o amadurecimento da *house* o primeiro baile (*ball*) do estado de Alagoas no dia 15 de fevereiro de 2020 intitulada “*Microball* na Pajuçara” que surge com o intuito de iniciar as movimentações de *ball* no estado.

Pajuçara é uma das praias da orla de Maceió que entre Jatiúca e Ponta Verde foi escolhida por ser a praia mais popular com relação à população maceioense periférica praia de Pajuçara é conhecida também com o lugar da “farofada” termo para identificar que a população que frequenta esse espaço é de baixa renda. A *Microball* na Pajuçara recebe esse nome por entender em coletivo que a praia de Pajuçara era o local onde poderíamos desfrutar de uma orla marítima sem precisar se adequar em padrões de comportamento já que as praias de outros bairros como a Ponta Verde e Jatiúca são ambientes que recebem em sua maioria pessoas de classe média alta, sobretudo é moradia para as grandes lideranças políticas do estado de Alagoas. Observa-se na Figura 8 a arte de divulgação desse evento.

Figura 8 - Arte de divulgação da Micro Ball na Pajuçara



Fonte: Instagram - @houseofmuzi (2020).

O “Treina *Ballroom*” foi idealizado pela *House of Muzi* e sua primeira edição aconteceu no dia 19 de novembro de 2020 as 15 horas no Centro Educacional de Pesquisa Aplicada (CEPA) localizado no bairro do Farol, com o intuito de difundir conteúdos sobre o funcionamento da comunidade *ballroom*, levando conhecimento sobre a dança vogue e figuras que compõem o cenário da *ballroom*.

A pandemia da Covid-19 fez com que os corpos que dialogam com o *vogue* se desligassem presencialmente inclusive as *houses*, sentindo que o tempo foi

também necessário para que essas pessoas pudessem passar pelo período de pandemia de forma segura. A iniciativa desse projeto surgiu da necessidade de continuar de uma forma muito mais alinhada aos encontros.

Treina *Ballroom* em sua primeira edição se faz aberto para todas as pessoas que se interessem em trocar e propagar os estudos da comunidade *ballroom* e dança vogue, criando espaços de diálogo contracultural que a própria comunidade *ballroom* tem como missão, pois os corpos pertencentes a esse movimento precisam ser acolhidos e vistos como são. Fomos veículo de entrada para novas pessoas que hoje compõe o cenário alagoano da comunidade *ballroom*. Observa-se na Figura 9 a arte de divulgação desse evento e na Figura 10 o encontro Treina *Ballroom*.

Figura 9 - Arte de divulgação do Treina Ballroom 2020



Fonte: Instagram - @houseofmuzi (2020).

Figura 10 - Treina Ballroom 2020



Fonte: Fotos de LayêMuzi, Instagram - @houseofmuzi (2020).

2.5.1.2 Alagoas *ballroom*

Pensando na perspectiva da territorialidade, o nome *Alagoas Ballroom* vem para representar uma cena que pode se expandir tendo em vista que ainda não tem cena *ballroom* fora da capital, pois, as movimentações acontecem em Maceió, porém pensando que a cena local possa alcançar outros espaços dessas terras, o termo “*Alagoas Ballroom*” foi adotado pela cena para contemplar as cenas que ainda não se desenvolveram, mas podem se desenvolver nessa região.

A Pioneire Fênix Negra Zion em 2012 faz sua primeira viagem para São Paulo tendo a oportunidade de fazer sua primeira aula de *voguing* com Fran Manson⁴¹ uma grande referência na dança vogue no Brasil pelo curso de férias da Casa de Dança Tati Sanchis⁴² adquirindo assim, conhecimentos para retornar para Alagoas.

Em 2015, com desejo de compreender sobre o *voguing*, escreveu um projeto intitulado “Diálogo da cultura *Hip Hop* com o *Femme Styles: Waackinge Voguing dance*” pelo curso de licenciatura em Dança da UFAL, o projeto visou possibilitar aos alunos bolsistas e público apreciador, a compreensão por meio do movimento resultante no corpo, o diálogo da cultura *Hip Hop*, ressaltando a influência de gênero

⁴¹ Fascina Manson do Nascimento, conhecida artisticamente como Fran Manson inicia na dança com 7 anos, fazendo aulas de *ballet* clássico no mesmo tempo entra na ginástica rítmica, *jazz* e por fim *street dance* atuando até hoje com os estilos *hip hop dance*, *waacking* e *Vogue*.

⁴² Casa da dança tati Sanches é uma escola particular fundada nos anos 2000 pela própria Tati Sanchis que sempre foi apaixonada por pessoas e pela dança. São Paulo Companhia de Dança.

com a presença de mulheres negras junto à comunidade LGBTQIAPN+ com o viés relacionado também no aperfeiçoamento das técnicas da dança *Waacking* e *Vogue*.

Em 2017 Fênix retorna para São Paulo, onde acompanha o crescimento da comunidade *ballroom* São Paulo e logo recebe o convite para ser filho da *Iconic House of Zion*⁴³ no capítulo Brasil.

Destaca-se a chegada da comunidade *ballroom* em Maceió/AL como um desdobramento da dança *vogue*, por isso Alagoas precisou ter uma casa pioneira como a *House of Muzi*, como já falado anteriormente, e as duas figuras citadas para que iniciasse uma solidificação da *ballroom* em terras maceioenses.

A Alagoas *Ballroom* surgiu da necessidade de ampliar o espaço da *ballroom* em Alagoas, então no dia 05 de maio de 2021 o *instagram* da Alagoas *Ballroom* chega como suporte para as pessoas que não possuem *house* (casa) na cena local, pensando também em proporcionar mais um ambiente para as *houses* divulgarem seus trabalhos.

Foi criado o perfil no *instagram*, pois, em decorrência da crise sanitária que culminou na pandemia da COVID-19, as redes sociais se tornaram o único lugar de vitrine de trabalho, sobretudo espaço para vivenciar a comunidade *ballroom* a nível nacional.

O primeiro evento virtual depois da criação do *instagram* foi o Circuito Massayó que contou com as atividades de oficinas das categorias da *ballroom* foram elas *Face*, *Best Make in Drag*, *Runway*, *Best Dressed*, *Vogue Old Way*, *Vogue New Way* e *Vogue Femme* que ocorreram pela plataforma *zoom* e também contamos com a presença da Pioneira Ákira Alavanx West para falar um pouco sobre sua trajetória o tema intitulado “*Webinar: A Ballroom na minha vida*”, no dia 25 de maio de 2022 às 20 horas pela *live* no nosso *instagram*, depois desse evento que foi durante a pandemia até finalizar esse momento, possibilitou mais ações com bailes rodas de conversa e outros surgimentos de casas em alagoas.

⁴³Casa da Cena *Menstruam* que atua com produções diversas sobre negritude, raça, sexualidade, HIV e muitas outras perspectivas artísticas e culturais.

3 A CATEGORIA: É QUEER

No dia 18 de janeiro de 2023, Crystian Castro⁴⁴ entrou em contato através do *Whatsapp* para propor uma colaboração minha, para que pudesse contribuir na construção coreográfica que teve como base a dança vogue assim, assinando a preparação corporal do espetáculo atuando com aula teórica e prática sobre a técnica de dança *vogue* e apresentando um pouco da história da comunidade *ballroom* para os formandos do 4º período curso técnico de dança da UFAL.

Os encontros com os estudantes aconteceram entre o dia 07 ao dia 17 março das 18h às 21h nas dependências da Escola Técnica de Artes⁴⁵. A proposta de ensinamento nas aulas foi previamente organizada através de planos de aula, que teve como objetivo geral introduzir noções básicas da dança vogue e objetivo específico introduzir o conhecimento sobre a história da comunidade *ballroom* nacional e internacional.

Para atingir o objetivo geral fiz uma divisão com os elementos iniciando com *Hands Performance* e *Catwalk* onde trabalhamos a “*Performance* das Mãos” junto com seus fundamentos e “Andar do Gato” compreendendo a intenção do deslocamento através das passadas o segundo momento fiz uma abordagem a partir do *Duck Walke Floor Performance* assim, dei continuidade a busca do princípio deste plano baixo com deslocamento através do “Andar do Pato” e da “*Performance* no chão” experimentando possibilidades de movimento e criação de repertório para a dança *vogue* e por último utilizei o *Spins* e *Dip* para trabalhar os “giros” ao lado dos “Mergulhos” que vão possibilitar uma finalização de *performance* com as noções de cuidado protegendo o corpo levando aos estudantes a execução coerente dos movimentos.

Todos esses elementos foram aplicados através da *performance* para *Ballroom*. Foi utilizado a dinâmica de “Combos Coreográficos” que tem sua definição criar entradas e batalhas de vogue para exercitar a técnica e atuação de cada aluno junto com a sequência coreográfica com todos os elementos do *Vogue Femme*, atreladas a essas etapas foi necessário ter os momentos teóricos através de rodas

⁴⁴ Professor efetivo do Curso Técnico em Dança da Escola Técnica de Artes (ETA) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutorando em Educação (PPGE/UFSM), na Linha de Pesquisa: Educação e Arte, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Investiga as relações artístico-pedagógicas entre dança, as pedagogias *queer* e as pedagogias culturais/cultura visual. Mestre em Artes Visuais/Arte Contemporânea e Licenciado em Dança, ambas formações também pela UFSM.

⁴⁵ETA- Escola Técnica de Artes da Universidade Federal de Alagoas.

de conversa sobre a Comunidade *Ballroom* e seus atravessamentos ao final de cada aula podendo observar nas Figuras 11,12,13 e 14.

Figura 11 - Aula de Vogue Femme - coreografia



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Figura 12 - Roda de Conversa sobre a Comunidade Ballroom



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

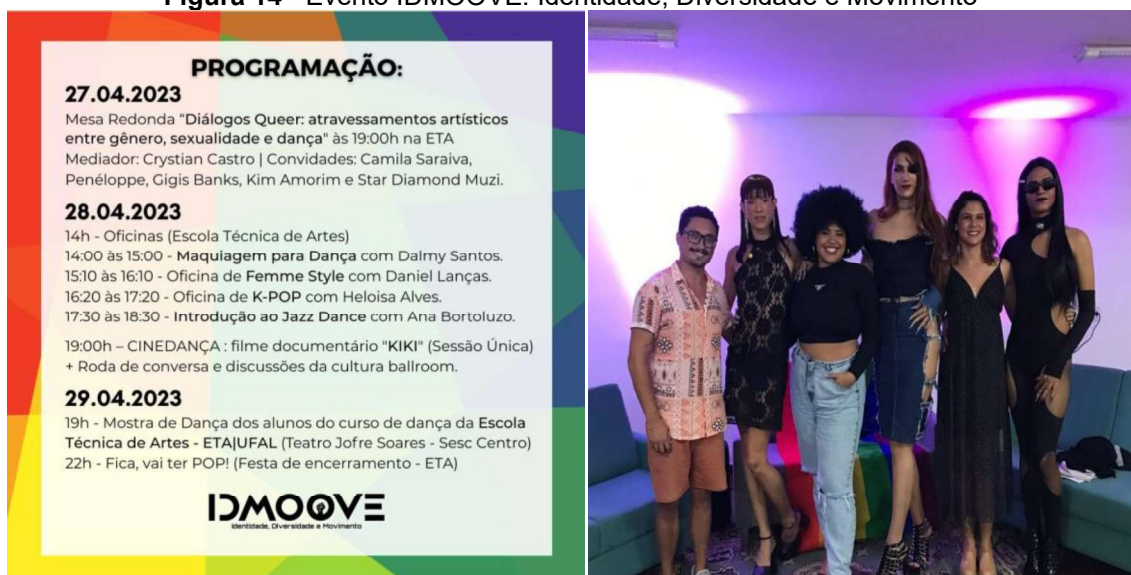
Figura 13 - Aula de Vogue Femme - elementos



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Durante a construção da montagem do espetáculo de formatura, tivemos uma ação educacional através do curso técnico de Dança que teve o olhar sensível para escolher um tema diverso e que contemplasse a proposta estudada dentro da pesquisa de corpo dos alunos do quarto módulo assim surgiu o evento intitulado: Identidade, Diversidade e Movimento (IDMOOVE), que foi promovido pelos alunos do 4º período do curso de dança sob coordenação do professor Crystian Castro, e ocorreu nos dias 27 a 29 de Abril de 2023, em celebração ao dia da dança, o evento teve como objetivo intensificar as discussões sobre dança dentro da ETA na semana do dia internacional da dança.

Figura 14 - Evento IDMOOVE: Identidade, Diversidade e Movimento



Fonte: Instagram - @dancarte.etaufal (2023).

A proposta da mesa redonda teve como tema "*Queer: atravessamentos artísticos entre gênero, sexualidade e dança*" fui convidada para fazer parte da mesa ao lado de Camila Saraiva⁴⁶ Penélope Soares⁴⁷, Kim Amorim⁴⁸, Gigis Banks⁴⁹ com a mediação feita pelo professor Crystian, a figura 15 mostra a fotografia coletiva e arte

⁴⁶ Dançarina e Bióloga, com formação nos níveis de graduação e pós-graduação em ambas as áreas pela Universidade Federal da Bahia. Professora substituta temporária do curso de Licenciatura em Dança do ICHCA na Universidade Federal de Alagoas e professora colaboradora do curso de dança da Escola Técnica em Artes da UFAL. Doutoranda em Dança (PPGDANÇA/UFBA), sob a orientação da Prof.^a Márcia Virgínia Mignac da Silva.

⁴⁷ Penélope é CEO da empresa *Sun clothing's* e atualmente é 007 na cena *Kiki* da comunidade *ballroom* em alagoas.

⁴⁸ É *drag queen* alagoana e vem buscando praticar nas noites em Maceió.

⁴⁹ Nascida em São Miguel dos Campos (AL), Gigis Banks é uma agitadora cultural atuando como DJ, *performer*, cantora, compositora, intérprete, criadora, musicista e filha da pioneira *Kiki house of Muzi* de Alagoas.

de divulgação do evento. De início falamos dos nossos atravessamentos de gênero e sexualidade pontuando as dificuldades no enfrentamento às fobias sociais e como estamos lidando com esses apontamentos atualmente. Em seguida, foi um breve histórico da relação com a dança e o que trabalhamos enquanto movimento político com o corpo assim, falando da relevância da mesa não só para quem compõe ela, mas, pensar que nossas falas ecoam como grito de resistência em espaços institucionais dando possibilidades de falar e saber que existe produção com dança que discute s eixos sexualidade e gênero.

“A categoria é: *Queer*” foi um espetáculo de formatura do 4º Módulo do Curso Técnico em Dança da ETA⁵⁰ 2023, tendo como direção o professor mestre Crystian Castro. O trabalho coreográfico teve como inspiração os elementos da cultura *Ballroom* e da dança *Voguing*, junto de referências visuais e narrativas da série televisiva *Pose*⁵¹ (2018). Essas referências de materialidades evocam questões relativas à perspectiva teoria *queer* e, por meio da dança, movimentam diferentes experiências de vida e processos de produção de subjetividades e identidades dos(as/es) intérpretes-criadores(as), assim, o espetáculo provocou um dançar desde as margens, das histórias esquecidas, das vozes silenciadas, dos movimentos interrompidos.

Dançar desde o desejo de outros tempos, outras realidades, outras (r)existências, outras possibilidades de se-mover. Dançar desde a construção de um posicionamento político-estético que busque outros caminhos artísticos a dança que não somente aqueles legitimados pela cultura dominante e, de maneira crítica e poética, “queerizar” nossas práticas artísticas, celebrando a comunidade ancestral que é a *Ballroom*, suas múltiplas vivências e potencialidades, e a nossa diversidade humana, para uma visualização do espetáculo trago as Figuras 15, 16 e 17.

⁵⁰ Escola Técnica de Artes da Universidade Federal de Alagoas.

⁵¹ *Pose* é uma série de drama americana que trata sobre diversas questões do cenário LGBTQIAPN + afro-americano e latino-americano da cidade de Nova York entre o final dos anos 80 e início dos anos 90. Disponível em: <https://pop.proddigital.com.br/analises/analises-de-series/analise-pose>.

Figura 15 - Elenco do espetáculo "A categoria é: Queer"



Fonte: Acervo Pessoal, @eubenita (2023).

Figura 16 - Cenas do espetáculo "A categoria é: Queer"



Fonte: Acervo Pessoal, @eubenita (2023).

Figura 17 - Espetáculo "A categoria é: Queer"



Fonte: Acervo Pessoal, @eubenita (2023).

Através do espetáculo "A Categoria é: Queer", tive a oportunidade de atuar como profissional da dança, auxiliando no meu processo de formação e aprimorando minhas habilidades. A dança vogue possui uma expressão única, transmitindo emoções e contando histórias de forma impactante, revelando sua potência como

forma de arte. Ao compartilhar minha visão sobre a comunidade *ballroom*, percebi a importância do crescimento coletivo, promovendo o avanço dessas discussões em ambientes institucionais e trazendo novas ideias e perspectivas sobre as pautas mencionadas anteriormente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, há um movimento em direção à dança na perspectiva da diversidade que visa abraçar corpos, identidades e experiências na prática da dança, compreendo que essa coletividade é um ato político e por esse motivo vem criando espaços acolhedores e inclusivos para todas as pessoas independentemente de suas características físicas, identidades ou histórias possam ser celebradas, no *Vogue* encontro uma dança específica que "cabe" um corpo dissidente de gênero, raça e sexualidade.

A dança *vogue* é uma forma de expressão artística e movimento que pode ser apreciada, sobretudo, praticada por pessoas que se identificam com essa comunidade. É importante ressaltar que historicamente, a dança em seu contexto geral tem sido influenciada por normas sociais e estereótipos, o que leva à exclusão de certos grupos. No entanto, percebo que a comunidade *ballroom* através da dança *vogue* vem trazendo reflexões e práticas para uma compreensão crescente sobre a importância da inclusão e da diversidade na dança e em outras formas de arte, me sentir pertencente e representada pela comunidade *ballroom* teve impacto positivo em minhas *performances* de dança *vogue* e no modo como minha interação ganhou um novo sentido me colocando como protagonista da minha própria história.

A importância da existência desse trabalho para Alagoas e toda a cena *ballroom* local, norte e nordeste e no Brasil, é concebível porque visa expandir registrar e compreender que a comunidade *ballroom* é uma forma de tecnologia ancestral que possibilita diálogos diversos e um olhar crítico sobre estéticas, corpo e movimento.

Essa sensação de aceitação foi o estímulo para me alentar a construir conexões mais significativas com meu corpo e minha autoestima para dança, aumentando minha empatia e compreensão mútua sobre a artista que venho sendo construída, me possibilitando atuar seja na prática ou na teoria profissionalmente.

Através deste estudo, percebo que a dança é uma ferramenta de aprendizado que vai além do corpo, influenciando a maneira como vejo o mundo. Também destaco a dificuldade que encontrei ao escrever este trabalho, que foi afetado pela pandemia do Covid-19. Academicamente, as produções sobre a comunidade *ballroom* no Brasil estão em crescendo assim, essa escrita é uma contribuição

fundamental para fortalecer e contribuir a cena *Ballroom* no Brasil contemplando assim a *Ballroom* no Nordeste.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Neide A. de. **Letramento racial**: um desafio para todos nós. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-de-almeida/>. Acesso em: 3 abr. 2023.

ALAGOAS BALLROOM. **Comunidade *Ballroom* Brasileira pelo estado de Alagoas**. Fala de @fenix.zion - Pioneire na Cena Kiki. Alagoas, 7 de maio de 2021. Instagram: @alagoasballroom. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/COljuC4Dkax/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 18 jun. 2023.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e Corpografias Urbanas: Um diálogo sobre as relações copo e cidade. **Cadernos PPG-UA/FAUFBA**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648>. Acesso em: 3 abr. 2023.

FILOCULTURAL. **Povos e Culturas Africanas**: os Zulus. 2014. Disponível em: <https://filocultural.blogspot.com/2014/09/OS-ZULUS.HTML>. Acesso em: 20 ago. 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOUSE OF NAPHTALI. **The House of Naphtali**. Ball Slang, Categories, and Everything About Vogue. 2021. Disponível em: <https://houseofnaphtali.tripod.com/id3.html>. Acesso em: 2 jan. 2023.

JORGE, Andreza. Atravessamentos Corporais: A dança e a Representatividade Negra no Empoderamento de Mulheres Negras e de Periferia: **Revista da Graduação da Escola de Belas Artes - UFRJ**, n. 3, p. 87-93, nov. 2017. Disponível em: https://revistadesvioblog.files.wordpress.com/2017/11/desvio_3_artigo_andreza1.pdf. Acesso em: 18 jan. 2023.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. # **Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/adilb%C3%AAnia_freire_machado_-_filosofia_africana_para_descolonizar_olhares._perspectivas_para_o_ensino_da_rela%C3%A7%C3%B5es_%C3%A9tnico-raciais.pdf Acesso em: 10 de junho 2023.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. Matripotência: Ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [Iorubás]: Orí e Àkúnlẹ̀yàn: Escolhendo Ìyá. In: **WHAT Genderis Mother hood?**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, cap. 3, p. 1/117, 2016.

PORTAL GELEDÉS. **Significados dos Nomes Próprios Africanos**. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/significados-dos-nomes-proprios-africanos/>. Acesso em: 2 ago. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSSLER, João Henrique. O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller. **Cadernos Cedes**, v. 24, p. 100-116, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100007>Acesso em: 19 de junho de 2023.

SANTOS, Henrique Cintra. **A transnacionalização da cultura dos Ballrooms**. 2018. 180 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

SILVA, Matheus Cardoso da. Do antirracismo local ao antifascismo global: a transnacionalização do movimento negro nos EUA. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 27, p. 144-184, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.46752/anphlac.27.2019.3435>. Acesso em: 27 ago.2023.

SILVA, Icaro Ribeiro da. **Narrativas de bixas e travestis pretas: teorias e a Cultura de Baile na Grande Goiânia**. 2022. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de *Performances Culturais*, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

SYLVIE, Fortin. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Revista Cena**, n. 7, p. 77-77, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/11961/7154>. Acesso em: 27 ago. 2023.

VIANNA, Klauss. **A Dança**. São Paulo: Summus, 2005.